



Evento: X Seminário de Inovação e Tecnologia

DESIGUALDADE E EXCLUSÃO SOCIAL¹

INEQUALITY AND SOCIAL EXCLUSION

**Rafaela Herter de Moura², Roberta Herter da Silva³, Francieli Borchardt da Cruz⁴,
Joice Machado⁵, Fábio Weber Albiero⁶**

¹ Trabalho realizado com o intento de contribuir à pesquisa na construção do conhecimento.

² Especialista em Educação Ambiental - UFSM. Bacharel em Administração - IESA. Assessora Financeira - FASA.

³ Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social - FEEVALE. Mestra em Direitos Humanos - Unijui. Advogada. Docente da FASA.

⁴ Mestra em Direito e Multiculturalismo – URI. Docente do curso de Direito. Secretária de Governo da Prefeitura Municipal de Santo Ângelo.

⁵ Mestra em Letras. Docente da FASA.

⁶ Docente do Instituto Federal Farroupilha - Campus Santo Ângelo.

RESUMO

O presente trabalho intitulado Desigualdade e exclusão social objetiva apresentar um panorama sobre a desigualdade e as diversas formas de exclusão na sociedade refletindo acerca da diversidade, relação de pertencimento, oposição entre indivíduos incluídos e excluídos, integração social, essencialismo da diferença, discriminação negativa e positiva, bem como ponderar sobre os diversos tipos de atores sociais que influenciam nessa estrutura causada pelas condições organizacionais e societais.

Palavras-chave: Desigualdade. Exclusão. Sociedade.

INTRODUÇÃO

Considerando pertinente buscar compreender, o que se entende por exclusão e quem são os excluídos, por desigualdade e quem são os desiguais, é importante refletir que esses processos podem ser de natureza econômica (no mundo do trabalho, por exemplo), política (no âmbito das decisões que afetam a vida individual ou grupal, por exemplo), cultural (na escola, por exemplo) etc. É possível também nomear alguns desses grupos que enfrentam a exclusão e/ou a desigualdade, são mulheres, negros, indígenas, pobres, analfabetos, grupo LGBT, sem-terras, pessoas com deficiência entre outros que sofreram historicamente processo de marginalização e estigmas. Esse trabalho não visa dar respostas, mas suscitar o debate acerca da desigualdade e da exclusão social.



METODOLOGIA

A partir da necessidade da elaboração da pesquisa, bem como das próprias características que permeiam o trabalho, tornou-se necessário utilizar-se da seguinte metodologia, quanto aos meios, trata-se de pesquisa exploratório-bibliográfica, por recorrer ao uso de livros, revistas, artigos, além de pesquisas em bibliotecas virtuais. Já quanto aos fins, classifica-se como descritiva e qualitativa, requerendo a interpretação e atribuição de significados no processo de pesquisa, se submetendo a um processo de análise teórica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É no contexto da relação de pertencimento, da relação com o outro e com sua diferença que se inicia a discussão acerca da desigualdade. Bauman (2005) na obra Danos Colaterais – desigualdades sociais numa era global defende que, assim como nas guerras, onde ninguém assume a responsabilidade pelos danos colaterais causados como a morte de civis e o bombardeio de escolas e hospitais, da mesma forma ocorre nas ações políticas e econômicas. Ou seja, as vítimas dessas ações não são atendidas ou levadas em consideração. São o que Bauman (2005) chama, na obra “Vidas Desperdiçadas”, de refugos humanos, em outras palavras, são os desfavorecidos, ou os danos colaterais de uma sociedade voltada para o lucro e orientada para o consumo.

Segundo Bauman (2005), a mistura explosiva da crescente desigualdade social e do sofrimento humano, relegado à condição de “colateralidade” (marginalidade, exterioridade, removibilidade, de não ser parte legítima da agenda política), têm todos os sinais para se tornar, potencialmente, o mais desastroso dos problemas que a humanidade será forçada a confrontar, administrar e resolver no século atual.

Em Vidas desperdiçadas Bauman (2005) chama a atenção para a oposição entre os incluídos e os excluídos. O autor tenta definir o excluído, o estranho, aquele que – em uma sociedade de tolerância – não é nem mesmo levado em consideração. Para essa definição utiliza-se do exemplo do lixo, que, segundo o autor, é um conceito que está além da visão primária do senso comum, ele separada aquilo que é possível de estar entre a ordem e o que precisa ser rejeitado, excluído, eliminado e por fim, limpo da esfera social. Nossa sociedade tenta a todos os custos encontrar lugares para depositar o lixo, desde aterros (para o lixo físico) até lugares próprios para aqueles que não servem mais para nada, como o sanatório, a prisão ou as favelas.



São todos considerados refugos, sujeira que precisa ser limpa, de acordo com Bauman (2005). Para onde mandar os indivíduos que não possuem mais nenhuma utilidade e que, por sua vez, não podem mais ser incorporados a nenhum sistema produtivo? Onde deixar os chamados “párias da modernidade”, os inadaptados, os expulsos, os marginalizados, enfim, o lixo humano que foi produzido pela sociedade do consumo?

Boaventura Sousa Santos (1999) apresenta uma discussão sobre a questão da desigualdade e da exclusão na sociedade capitalista, considerando-as dois sistemas de pertença hierarquizada. Segundo o autor, a desigualdade fundamenta-se na integração social de quem está em situação de desvantagem, ou seja, integração subordinada e explorada, e a exclusão, que também envolve uma hierarquia, está relacionada a quem está em situação inferiorizada, que gesta um sistema hierárquico de segregação. Segundo o autor, esses sistemas articulam-se e, mesmo, imbricam-se criando processos perversos de exclusão e inclusão precária a partir da dominação e do poder.

Segundo Sousa Santos (1999) enquanto a desigualdade se assenta no essencialismo da igualdade, como nos contratos de trabalho em que as partes são livres e iguais, a exclusão se assenta no essencialismo da diferença, como a exclusão étnica por exemplo. A regulação social da modernidade capitalista se, por um lado, é constituída por processos que eram desigualdade e exclusão, por outro, estabelece mecanismos que permitem controlar ou manter dentro de certos limites esse processo, que tentam impedir a desigualdade extrema (escravatura) e a exclusão extrema (extermínio de grupos sociais).

Sousa Santos (1999) cita os povos indígenas como a versão original do sistema de exclusão da modernidade, mas agora está se configurando no tipo ideal do sistema de exclusão que subjaz à modernidade capitalista passando a transitar do sistema de exclusão para o sistema de desigualdade. Mas não sejamos ingênuos, segundo o autor, todas as culturas que não são valorizáveis no mercado global ou porque não se deixam apropriar ou porque a sua apropriação não suscita interesse são levadas a uma forma tão radical de exclusão quanto o extermínio, são apagadas da memória cultural hegemônica, são esquecidas ou ignoradas, ou, quando muito, subsistem pela caricatura que delas faz a cultura hegemônica.

É possível observar que as transformações culturais trazidas pela racionalidade de produção capitalista são irrefreáveis diante da cultura das populações tradicionais, inclusive as indígenas, e vêm acompanhadas da perda do território, modificação das práticas tradicionais de



ser e estar no mundo, da destruição das áreas preservadas entre outras. Assim, para compreensão dessas dinâmicas culturais é necessário dar-se conta das peculiaridades e das diferenças que se tornam cada vez mais complexas na sociedade moderna contemporânea.

Segundo Bauman (1998) na maioria das transformações da organização da vida atual, o que se vê é o crescente engrandecimento das forças de mercado que, chamam para si, a função de conduzir a ordem do mundo. O que segundo o autor, acaba gerando sensação de incerteza e desconfiança, e capazes de gerar inclusive o que Bauman (1998) chama de “estranhos”, sujeitos “fora-de-lugar”, pois não se encaixam nas categorizações elaboradas pelas narrativas modernas, e de “impuros” aquele que não se encontra, desde o início, previstos pelos sujeitos que idealizaram uma determinada ordem. Segundo Bauman (1998), originam-se sempre que um determinado grupo social possui o poder de narrativa, conseqüentemente haverão grupos oprimidos, excluídos e discriminados pelo grupo hegemônico.

Segundo Castel (2008) esses grupos sociais são discriminados negativamente. Dedicado à análise do racismo francês contra os cidadãos de origem estrangeira, a obra distingue duas formas de discriminação, uma chamada positiva e outra, negativa:

Existem formas de discriminação positivas que consistem em fazer mais por aqueles que têm menos. O princípio destas práticas não é contestável na medida em que se trata de desdobrar esforços suplementares em favor de populações carentes de recursos a fim de integrá-las ao regime comum e ajudá-las a reencontrar este regime (2008, p. 13).

Mas a obra é dedicada a discriminação que Castel (2008) define como negativa, pois não consiste somente em dar mais àqueles que têm menos; ela, ao contrário, marca seu portador com um defeito quase indelével. Ser discriminado negativamente significa ser associado a um destino embasado numa característica que não se escolhe, mas que os outros no-la devolvem como uma espécie de estigma. A discriminação negativa é a instrumentalização da alteridade, constituída em favor da exclusão (Castel, 2008, p. 14).

A questão da discriminação negativa implica, portanto, na questão da cidadania da população. Daí a importância do expediente inverso, as políticas de discriminação positiva, no sentido da luta contra o fracasso escolar, o desemprego, a precariedade, a insegurança social, etc., cujo objetivo direto é desfazer a desigualdade em função da igualdade social obtida, da qual todas as formas de discriminação, inclusive a positiva, poderiam ser abolidas.



Uma desigualdade que por si só compromete a cidadania, pois como Milton Santos afirma “cada um de nós é mais ou menos consumidor (e, neste caso, também mais ou menos cidadão) em função da acessibilidade concreta aos bens e serviços de uso freqüente e necessário” (2002, p. 28).

Segundo Santos (2002, p. 141) a tarefa, o tema de casa no começo do século XXI é a recriação da cidadania, mediante uma outra globalização, horizontalizada e não verticalizada como a atual, na qual a vida não seja tributária do cálculo, mas haja espaço para a emoção – que é o que une os homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esse trabalho é possível chegar a conclusão de que o mesmo não visa dar respostas ou trazer conclusões, mas sim suscitar o debate acerca da desigualdade e da exclusão. Para tanto, alguns questionamentos ainda são importantes antes do término do trabalho: diante do cenário contemporâneo seria suficiente “incluir” por meio de atuações seletivas, focalizadas, singulares e imediatas? Estas ações seriam capazes de forma isoladas, de consolidar e efetivar a cidadania social? É possível a curto prazo modificar o que historicamente foi determinado pelo modo de produção capitalista e sua dinâmica em relação a determinados grupos sociais?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Tradução de Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CASTEL, Robert. **A Discriminação Negativa – Cidadãos ou Autóctones?** Petrópolis, Rj: Vozes, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Oficina do CES n° 135, janeiro de 1999.

SANTOS, Milton. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002.